



CCB

Fábrica
das Artes

26 FEV A 1 MAR 26

**TI CHITAS
A VOZ QUE É UMA MONTANHA
DE TERESA GENTIL**

**ORQUESTRA BARROCA D'AQUÉM MAR
DIREÇÃO MUSICAL MAESTRO PEDRO CASTRO**

**ARTES
PERFORMATIVAS**

ÍNDICE

ÓPERA + CONVERSA +8

03

TI CHITAS - A VOZ QUE É UMA MONTANHA 26 FEV A 1 MAR

Pequeno Auditório

Qui e Sex, 11h - Escolas

Sáb, 19h, Dom, 17h - Público Geral

50 min. + Conversa

OFICINA DE ADUFE +8

17

TRATAR O ADUFE POR TU 26 A 28 FEV

Espaço Fábrica das Artes

Qui e Sex, 14h - Escolas

Sáb, 15h30 - Público Geral

Lotação Máxima: 25 pessoas



Lagos
Câmara Municipal



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

dgARTES
DEPARTAMENTO
DO CULTURA

icp.
Instituto do
Cine e do Teatro
Portugueses

LISBOA
Câmara Municipal

POLO CULTURAL
GAIVOTAS BOAVISTA

prolifika
comunidade

Imagem de capa: © Andrea Inocêncio

Textura Penha Garcia © Sara Ross

Temporada
2025/2026

Fábrica das Artes – Ópera + Conversa – Estreia Absoluta

Pequeno Auditório

Qui e Sex, 11h00 – Escolas

Sáb, 19h, Dom, 17h – Público Geral

Público-alvo: +8

Classificação Etária: +6

Duração: 50 min. + Conversa



Acessibilidade: Sessão com Audiodescrição para pessoas cegas e com baixa visão no dia 1 de março (domingo), às 17h00.

Composição Musical, Libreto e
Investigação **Teresa Gentil** (a partir
dos registos de **Catarina Chitas** e de
Cancioneiro Popular Português)

Composição Musical Eletroacústica
Sara Ross

Espaço Visual **João Gambino**

Desenho de Luz **Cárin Geada**

Desenho de Som **Daniel Santos**

Encenação **Lander Patrick**
e **Teresa Gentil**

Interpretação **Orquestra D'Aquém Mar**
(Direção Artística de **Elsa Santos Mathei**)

Direção Musical **Pedro Castro**

Soprano **Patrícia Modesto**

Contratenor **António Lourenço Menezes**

Cravo **Elsa Santos Mathei**

Flauta Transversal e Flautim **Sofia Cosme**

Oboé, Oboé D'amore e Flautas de Bisel
Pedro Castro

Fagote **Lurdes Carneiro**

Violino **César Nogueira**

Violoncelo **Ana Raquel Pinheiro**

Contrabaixo **Marta Vicente**

Percussão Histórica e Adufes **Rui Silva**

Vozes Gravadas **Miguel, Vitória e Pilar
Fragata; Tiago Schwäbl e Mariana
Oliveira; Idalina e Isaías Gameiro**

Vídeos de **João Gambino, Flávio Pinho**

Ilustração (Cartaz) **Andrea Inocêncio**

Coprodução **Centro Cultural de
Belém/Fábrica das Artes, Associação
Questão Repetida, Prolífica –
Associação, Centro Cultural de
Lagos e Centro Cultural Raiano**

Apoios **Câmara Municipal de Lisboa |
Pólo Gaivotas**

Agradecimentos **Museu de Etnologia,
Alexandre Weffort, Flávio Pinho,
Filomena Rosa, Idalina Gameiro,
Luna Rebelo, Madalena Wallenstein,
Maria do Rosário Pestana,
Salwa El-Shawan Castelo-Branco,
Sandra Clemente e Ti Maria Ramos**

O CCB agradece à RTP a cedência de uso de imagem de excertos dos episódios *Fragmentos de um Inquérito Musical em Penha Garcia* e *Cantadeiras Populares*, do documentário *Povo que canta*, de Michel Giacometti.



Fotografia (pormenor) © Teresa Gentil

Catarina Chitas (1913 – 2003)

Catarina Sargenta (conhecida por Ti Chitas) é natural da freguesia de Penha Garcia, concelho de Idanha-a-Nova. Pastora, agricultora, padeira, costureira, tecedeira, mãe de três filhos. Nunca foi à escola, mas sempre desejou aprender as letras e conseguiu-o, com o auxílio de uma nora, quando tinha mais de 50 anos. Construiu, com pedras da montanha transportadas à cabeça, a sua habitação. Comprou o primeiro adufe aos «dezasseis anos, por dez escudos, na Romaria da Senhora do Almortão» (Catana, 2003, p.109).

Chitas tornou-se uma figura de relevo na música de matriz rural portuguesa, havendo um considerável número de registos das suas interpretações, recolhidos, entre outros, por Vergílio Pereira (em 1961), Ernesto Veiga de Oliveira (em 1963) e Michel Giacometti (em 1969 e 1972). É dessa entrevista com Giacometti que provém a maioria dos factos que, de forma mais ou menos poética, integram o presente espetáculo.

Nesse testemunho, mostrou-se envergonhada ao revelar que aprendera a tocar adufe na barriga, escondendo as mãos debaixo do avental, enquanto simulava o toque das cantigas que ouvia no «compo, umas c’as outras». Sem pudores, falou da dureza da sua infância e das agruras do quotidiano, do frio, de

ir dormir de barriga vazia, às vezes aos «oito dias seguidos sem pão». A quadra, dolorosa de escutar é, contudo, rematada pela alegria do canto e da música: «mas sempre cantando e rindo, sempre cantando e rindo!» (*idem*).

Não pretendi abster-me de mergulhar nesta vida de tão abonada privação, partilhada com outras mulheres que com ela conviveram, testemunhas de um Portugal perpassado por uma pobreza abjeta e com quem tive o privilégio de conversar, recentemente, no centro de dia de Penha Garcia. Optei, no entanto, por dar especial ênfase ao tom otimista com que Catarina cantou a sua vida.

Detentora de uma memória extraordinária, Chitas foi também autora e, segundo testemunhos, improvisava com facilidade e compunha os seus próprios versos, como podemos escutar na canção autobiográfica com que começamos este espetáculo, *Toda a vida fui pastora*, «composta e musicada por Catarina Chitas» (Morais in Chitas, 2003). Esta canção constitui um excelente exemplo de como a música foi (ou pode ter sido) utilizada para retratar e perpetuar a biografia e a condição sociocultural de mulheres maioritariamente iletradas e de como as práticas orais foram fundamentais na transmissão de saberes e costumes ditos populares.

Certamente consciente do seu papel na transmissão desta cultura, Catarina ensinava em sua casa o toque do adufe e do canto aos mais novos e recebia os visitantes e curiosos com disponibilidade e simpatia: «Muitos outros registos foram feitos, por músicos amadores, estudantes, investigadores e estudiosos, sempre bem recebidos por Ti Chitas que com infinita paciência repetia histórias e canções, convidando-os para sua casa onde lhes dava de comer e por vezes guarida até ao dia seguinte» (*idem*).

A voz da Ti Chitas ressoa em mim por simpatia. Nunca a conheci. Nasci e cresci numa casa de relativa abundância e fartura – mas as minhas raízes de infância partilham de contexto e de criação: seguiam-se os ciclos da natureza, o respeito pela vida de plantas e de animais, a negação do excesso e da destruição do ecossistema. Fui em grande medida criada pelos meus avós maternos que, tal como Catarina, não sabiam escrever, ou sabiam pouco de letras, mas sabiam muito de muitas outras coisas. Também nesse lar se começava o dia antes do nascer do sol, hora em que cheirava a cevada de cafeteira e a terra molhada, em que se amassava o pão em dia certo e, também aí, se partilhava a mesa com quem viesse por bem. A minha Avó era muito parecida com esta Catarina, o mesmo olhar perdido nos pássaros, a mesma força paciente da dureza do campo. Em vez de cantar, rezava, horas a fio ou o fio às horas.

Também será, por causa dela, que me emociono cada vez que oiço o cantar da Ti Chitas.

Teresa Gentil

Da Montanha

TODA A VIDA FUI PASTORA ¹

Toda a vida fui pastora
E soi muito di bontade (bis)
Eu nasci para camponesa
não foi p'ra ir p'rá cidade (bis)

Guardo as minhas cabrinhas
É'ma [é uma] bida [vida] que
m'incanta (bis)
Eu nasci p'ra pastorinha
Não foi para ser estudante (bis)

Guardo as minhas cabrinhas
Ei'a [é a] minha profissão (bis)
Sempre cantado e rindo
Estudando a minha canção (bis)

Estudando a minha canção
Com prazer e alegria (bis)
Guardo as minhas cabrinhas
No rochedo de Penha Garcia (bis)

Guardo as minhas cabrinhas
Com bô [bom] leite
e bons queijinhos (bis)
Passo o meu resto do tempo
A brincar com o ch'binhos
[chibinhos] (bis - 2ª vez e' a brincar)
A brincar com o ch'binhos (bis - 2ª
vez e' a brincar)
É uma vida que é modesta, Ólalai
lalilóléla
Não há vida como esta

¹ Canção autobiográfica do álbum *Catarina Chitas – Uma Lição de Bem Cantar*, 2002, recolhas de 1985, organização de Domingos Morais.

Do Trabalho

CANÇÃO DE BACELADA ²

(Mandador) – Eu e a minha gente!...
[som das enxadas a entrar na terra]
Abaixo e manda-lhe outra!...
Abaixo carrega...
Abaixo qu'é no fundo!...
É mocidade!...
Esta é portuguesa!...
Carrega aí com outra!...
Abaixo e manda outra!...
Agora bem!...
Arriba-lhe com outra!...
Alto e caiu a linha!...
Eh!
Malta minha, malta linda...
arriba-lhe com outra!

² Bacelada da cava da manta para o plantio do bacelo. Canto com mandador in Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça. 1998.

**JÁ LÁ VEM A MANHÃ CLARA ³ |
CANTIGA DA MONDA | MODA DA
CEIFA**

Já lá vem a manhã clara,
Já lá vem o claro dia,
Já lá vem o sol brilhanti (bis)
Ao rispondo di Maria

Raparigas camponesas
Ao rigor do timporal
Não há vento que as queimi
Nem sol que lhi faça mal

Raparigas mondadeiras
Andai lá com cuidadinho
Quem manda é o nosso patrão
Mondai lá bem o triguinho

Trabalhai cobrai o corpo,
Logo tendes que comer
Do trabalho nasce a honra
Ai, da honra o bem querer

Raparigas mondadeiras
Vamos todas a cantar
Já lá vem nossa patroa
A trazer-nos o jantar

– Senhora nossa ama, que traz lá
para nos dar?
– Caldinho de cebola!

ORAÇÃO

Pelas almas benditas do purgatório
Jesus Cristo rei da Glória,
Que nasceste em Belém
Benzei-nos esta comida
Come connosco também
Seja por Divino Amor de Deus,
Ámen!
Padre Nosso, Avé Maria.⁴

³ Música de Teresa Gentil com quadras de *Já lá vem a manhã clara* e *Cantiga da Monda* (Chitas 2002) e *Moda da Ceifa*, do Arquivo Ernesto Veiga de Oliveira N° 0313.

⁴ (Pissarra 2017: 14). No fim das refeições fazia-se a seguinte oração: «Graças a Deus que me deste de comer / Sem eu o merecer / dá-me também o Céu quando eu morrer / Em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (in Pissarra 2017: 145)

Das Histórias
E AS GUERRAS S'APREGOARAM
(D. VARÃO) ⁵

E as guerras s'apregoaram
E à porta de D. Varão (bis)
– «Ai de mim que já estou velho»
Ai, tão linda
Não as posso vencer, não.
De 7 filhas que tenho,
Ai, tão linda
Não ter um filho varão.

Disse logo a mais nova
Com toda a discrição (bis)
– Venham armas e cavalos
Ai, tão linda
Quero ser teu filho varão!

– Filha tens os olhos muito lindos,
Por eles te conhecerão,
– Quando olharem para mim
Ai, tão linda
Eu olharei para o chão,
Venham armas e cavalos
Ai, tão linda
Quero ser teu filho varão

– Filha tens o cabelo muito grande,
Por ele te conhecerão,
– Venha uma tisoira e um pente
Ai, tão linda
Vê-los-eis cair no chão,
Venham armas e cavalos
Ai, tão linda
Quero ser teu filho varão

– Filha tens os peitos muito altos,
Por eles te conhecerão,
– Venham fardas bem apertadas,
Ai, tão linda
Que eles logo abaixarão,
Venham armas e cavalos
Ai, tão linda
Quero ser teu filho varão

⁵ Romance novelesco recolhido em Aljezur/Faro, 1962. Giacometti, Lopes Graça 1981: 171-2. Ti Chitas canta uma melodia muito semelhante, mas com a letra da música *Estando a D. Infanta* (Chitas 2002). *Música 'acidental': Missa em Si menor, BWV 232: Crucifixus, J.S.Bach*

Do Berço

VAI-TE CUCA⁶

(CANÇÃO DE EMBALAR)⁷

José embal'ó menino
Que a senhora logo vem
Foi lavar os cueirinhos
À fontinha de Belém
Óó, óó, Óó, óó,
Ruru, ruru, ruru...⁸
Vai-te cuca, vai-te cuca
P'ra cima do telhado
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado
Óó, óó, Óó, óó,
Ruru, ruru, ruru...^{9 10 11}

Dorme dorme meu menino
Tua mãe que fazer
Ela tem muito trabalho
E tem pouco que comer
Óó, óó, Óó, óó,
Ruru, ruru, ruru...¹²

Cala-te menino cala, (bis)
Cala-te toca a calar (bis)
Eu tenho muito que fazer (bis)
Não te posso embalar (bis)

Áá, áá, áá...¹³

6 Música de Teresa Gentil com quadras do cancioneiro popular português.

7 «O acto de imprimir movimento ao berço chama-se, conforme as localidades, embalar, embelar, embanar (ou com im-). Quando o movimento é acompanhado de canto, diz-se em Castelli Branco que se está a arrolar. (...) A par de arrolar e seus congéneres temos acalantar (...) forma que concorre na língoa antiga com acalantar é acalantar (ainda usada na Extremadura) de que se fez o substantivo verbal acalanto» (Vasconcellos 1907: 16-7).

8 Quadra também citada em Vasconcellos, 1907, proveniência: Castello Branco.

9 Chitas, 2002.

10 Também em Vasconcellos, 1907, se encontra quadra semelhante recolhida em Coimbra: «Ó papão vae t'embora de cima desse telhado / Deixa dormir o menino o soninho descansado».

11 Quadra igual em Rodrigues (1986: 183), com subtil diferença: cuca é, aí, coca.

12 Cercosa. Campia/Vouzela. Viseu. 1969. Giacometti e Lopes Graça, 1981, p.14.

13 Portugal Raízes Musicais Beira Baixa e Beira Transmontana, faixa 9. Sardinha, 1997.

Da Natureza e das Crenças
ORAÇÃO A SANTA BÁRBARA ¹⁴

Santa Bárbara se levantou,
Seu caminho foi andando,
E a Nossa Senhora encontrou,
– Onde vais Maria?
E Maria respondeu:
– Derramar a trovoadas
Santa Bárbara lhe pediu:
– Derrama-a lá para bem longe,
Onde não dê dano nem jeira,
Onde não haja eira nem beira,
Nem rama de oliveira,
Nem mulher com o seu menino.
Santa Bárbara, Santa Bárbara

ORAÇÃO ¹⁵

Bendito e louvado seja
O santíssimo sacramento da eucaristia
Fruto do ventre sagrado
Da virgem puríssima, santa Maria

¹⁴ Oração a Santa Bárbara, padroeira dos mineiros e bombeiros, protetora das tempestades e dos relâmpagos, recolhida em São Miguel da Acha (Milheiro 2002: 80). Idalina Gameiro, cantora e adufeira de Penha Garcia partilhou, numa das nossas conversas, uma oração semelhante.

¹⁵ *Bendito e Louvado dos Trovões*, cantado por Catarina Chitas, Arquivo Ernesto Veiga de Oliveira, nº 0322, Museu de Etnologia.

Da Partilha

Entrevista de Michel Giacometti a Catarina Chitas (excerto)

Michel Giacometti (MG) - E quem é que ensinou todas estas modas, Sr. Catarina?

Catarina Chitas (CC) - Aprendei a gente no *compo* [campo], umas cas outras.

MG - A ouvir as outras?

CC - Sim, aprendemos assim no *compo* umas cas outras. E *opois* com'eu um dia aprendi a tocar o *adufi*, é que tem graça. Porque *até-se a* gente s'envergonha de dizer como aprendi a tocar o *adufi*.

MG - Onde é que aprendeu?

CC - [ri] Eu tenho vergonha de dizer.

MG - Porquê?

CC - atão [ri]. Eu não tinha *adufi*. Não tinha, como hoje ainda num tenho, ainda num comprei, são muito caros... Já não vou às romarias e ainda não comprei. E agora tenho um, mas é piqueninino. E, *opois*, não queria que me vissem a tocar, assim a tocar, porque se estivesse a tocar diziam atão assim: «olha lá a parvalhota, onde é que vai a tocar?» Punha assim aqui as mãos, debaixo do aventali, aqui na barriga, aqui é que tocava o *afufi* [exemplifica] - «Sinhora da Pova [Póvoa], nossa senhora...» Ninguém via.¹⁶

Às vezes estava a falar para as pessoas e ia assim aqui com as mãos. [canta] «Sinhora da Póvoa, viva a velha e viva nova». Assim é que aprendi. Quando comprei o *adufi* já sabia. Tinha atão 16 anos quando comprei o *adufi*. Já sabia tocar.

¹⁶ «(...) em 1919 houve 50.000 peregrinos [Senhora da Póvoa em Penamacor]. (...) A maioria dos campónios comprara, logo à chegada, adufes (...) acompanhando-se a si próprios com ritmado rufar, deram a tradicional volta à igreja, cantando, numa das suas variantes, o monótono hino a Nossa Sr.^a da Póvoa» (Gallop 1960: 28). A melodia apresentada por Gallop (p.100) é semelhante à cantada por Chitas com a seguinte letra: «Senhora da Póvoa / Bem me podeis perdoari / Vim à vossa romaria / Só p'ra cantar e bailari».

Das Festas e Romarias

SÃO JOÃO¹⁷

Se foreis ao São João (bis)
Ai trouxe-me um São Joãozinho (bis)
Se não pudereis c' um grande (bis)
Ai trouxe-me um mais piquenino (bis)¹⁸

Eu hei-de ir ao São João (bis)
Ai o mê marido não queri (bis)
Deixai-o lá e abalari (bis)
Ai eu farei o que eu quiseri (bis)¹⁹

Ai São João qui vem, (bis)
Ai eu vim morar nesta rua (bis)
Qu'eu inda não tenho casa (bis)
Ai minina arrendi-me a sua (bis)²⁰

Naquela relvinha verde (bis)
Foi a minha perdição (bis)
Perdi lá o anel d'ouro (bis)
Ai na manhã de São João (bis)²¹

Da Tristeza

CANÇÃO DA TRISTEZA

Tenho uma pena no peito
Desde de domingo à tardi (bis)
Todas as penas aboam, todas as penas aboam,
Só esta aboar não sabi (bis)

Quem m'a mim ouvir cantari
Juglará que eu estou alegri (bis)
Tenho um coração mais negro, tenho um coração mais negro
Que'á tinta com que s'iscrevi (bis)

Ó tristeza, ó tristeza
Que mal ti faria eu (bis)
Que tanto t' assinhoraste, que tanto t' assinhoraste
Dum triste coração negro (bis)
A alegria e a tristeza
Tudo por mim tem passado (bis)
Si muito mi tenho rido, si muito me tenho rido
Muito mais tenho chorado (bis)

Não sei se cante se chori
Para aliviar uma pena (bis)
Se canto tudo me esquece, se canto tudo me esquece
Se choro tudo me alembra (bis)

Tinha uma mágoa no peito
Estava-me sempre a maguari (bis)
Quem canta seu mal espanta, quem canta seu mal espanta
E eu então pus-me a cantar (bis)

17 (...) cantares de São João – o santo popular preferido nestas nossas terras – sentimos em todos eles que o Precursor é considerado muito, muito alegre, divertido, um tanto ou quanto rapioqueiro e advogado dos namorados, sem qualquer fundo de verdade, e em contradição com a vida austera que levou. Talvez o motivo desta confusão se encontra nas reminiscências das antigas festas pagãs do solstício de junho, que a igreja substituiu pelas de São João, restando daquelas as luminárias fogueiras” (Rodrigues 1986: 24).

18 Quadra também referida por Gallop (1960: 84), recolhida na Covilhã (Cantiga de São João).

19 Letra retirada da versão de Catarina Chitas, acompanhando-se ao adufe, no álbum *Voix De Femmes Du Portugal* (1995).

20 Letra retirada de São João (cantiga ao São João), no acervo de Vergílio Pereira (1961), nº 74 (Museu de Etnologia). Catarina Chitas, com 48 anos, acompanhada ao adufe e com as vozes de Maria da Ascensão Fernandes, 46 anos e Maria Nabais, 44 anos. A mesma melodia está registada em Chitas (2002).

21 Letra de *São João*, pelo Rancho Etnográfico de Idanha-a-Nova (2003), com coro com adufes.

Bibliografia

Castelo-Branco, Slawa El-Shawan, Jorge Freitas Branco (eds). 2003. *Vozes do Povo, A Folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.

Catana, António Silveira Catana. 2003. *Artistas da Nossa Terra*, “Catarina Chitas” (pp.107-115). Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

Dias, Jaime Lopes. 1964/1971. *Etnografia da Beira O que a nossa gente canta, II e IV volumes* (respetivamente). Lisboa: Livraria Ferin.

Dias, Margot, Jorge Dias. 1953. *A Encomendação Das Almas*. Porto: Imprensa Portuguesa.

Gallop, Rodney. 1960. *Cantares do Povo Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.

Giacometti, Michel, Fernando Lopes Graça. 1981. *Cancioneiro Popular Português*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Martins, António Alberto Ruivo Ventura. 2016. *Processos de tradicionalização em Penha Garcia: práticas, protagonistas e contextos*. Tese de mestrado. U. Aveiro.

Milheiro, António. 2002. *S. Miguel da Acha Memórias da Cultura Tradicional*. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

Pissarra, Josefina. 2017. *Sabores de uma época Tradições de uma terra*. Idanha-a-Nova: Município de Idanha-a-Nova.

Rodrigues, Maria da Ascensão Gonçalves Carvalho, 1986. *Cancioneiro* coligido na *Cova da Beira*, 1º volume. Tipografia da Covilhã: edição da autora.

Thomás, Pedro Fernandes (2006 [1913]). *Velhas canções e romances populares portugueses*. Arquimedes Livros: Lisboa.

Vasconcellos, J. Leite de. 1907. *Canções do Berço com algumas das respectivas musicas*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Weffort, Alexandre Branco. 2006. *A Canção Popular Portuguesa em Fernando Lopes Graça* [Livro e DVD]. Lisboa: Editorial Caminho.

Discografia e Videografia

Adufeiras do Rancho Etnográfico de Idanha-a-Nova [CD]. 2003. Centro Cultural Raiano.

Catarina Chitas. 2002. *Uma Lição de Bem Cantar* [CD]. Recolhas de 1985, organização de Domingos Morais. Edição: Associação Zeca Afonso.

Giacometti, Michel e Fernando Lopes Graça. 1998. *Portuguese Folk Music* [5 Cds, vol.3, Beiras]. Strauss/Portugalsom.

Giacometti, Michel. s/d. *Filmografia Completa*, volumes 02, 05 e 06 [DVD's]. *Povo Que Canta, 5º programa: Fragmentos de um Inquérito Musical em Penha Garcia (1971)*. Realização de Alfredo Tropa. Tradissom.

Sardinha, José Alberto. 1995. *Idanha-a-Nova Recolhas Musicais da Tradição Oral Portuguesa* [CD]. EMI-Valentim de Carvalho.

Sardinha, José Alberto. 1997. *Portugal Raízes Musicais Beira Baixa e Beira Transmontana* [CD]. Jornal de Notícias e BMG Portugal.

Voix De Femmes Du Portugal [CD]. 1995. Auvidis Ethnic.

Arquivos

MUSEU DE ETNOLOGIA

Arquivos de Vergílio Pereira em 1961 (48 anos); Ernesto Veiga de Oliveira em 1963 (50 anos); Michel Giacometti em 1969 (56 anos) e entrevista em 1972 (59 anos).



©Manuel Ruas Moreira

TERESA GENTIL

Compositora, intérprete e investigadora. É doutorada e mestre em Ciências Musicais – Etnomusicologia pela FCSH – Universidade Nova de Lisboa, pós-graduada em Educação pela Universidade dos Açores e licenciada em Composição pela ESMAE, Porto.

Compôs para cerca de 40 peças de teatro e dança, musicais, óperas, obras para orquestra e ensemble. Participou em diversos projetos colaborativos interdisciplinares e de música na comunidade, com crianças, jovens e idosos nos mais variados contextos socioculturais. Colabora regularmente com a Fábrica das Artes – CCB, a Escola de Música de Leça da Palmeira, as associações Cães do Mar, Formiga Atómica e Questão Repetida, tendo desenvolvido ainda inúmeros projetos com o Plano Nacional de Leitura e no serviço de mediação do Teatro Micaelense. É fundadora de Descalças Cooperativa Cultural e de Prolífica – Associação. Foi distinguida com os prémios: Joaquim de Vasconcelos, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Investigação em Música; Prestígio e Carreira, iniciativa do GICAV (Viseu); Zeca Afonso, pelo Município de Almada; LabJovem/Teatro e LabJovem/Música, pelo Governo Regional dos Açores. Destaca do seu corpo de trabalho recente: duas óperas colaborativas estreadas em 2024, *Vencer o Dia* (libreto e música), com o Teatro do Sótão – Associação de Saúde Mental do Algarve e a orquestra barroca D'Aquém Mar, e *Uma conversa*

infinita, para a Escola de Música de Leça da Palmeira (Casa da Música); a peça *ainda vou encontrar nos teus lábios um cravo*, comissionada e executada pela Orquestra Gulbenkian no espetáculo colaborativo *Sons de uma revolução*, com o coro Artallis do Conservatório de Música de Loures, dirigido pelo artista multidisciplinar Mikhail Karikis.



PEDRO CASTRO

Nasceu em 1977 no Porto. Estudou flauta de bisel com Pedro Couto Soares, Reine Marie Verhagen e Sébastien Marq na ESML (Lisboa), HKU (Utrecht, Holanda) e Conservatório Real de Haia (Holanda), onde estudou também oboés históricos com Ku Ebinge. Enquanto estudou na Holanda foi bolseiro do Centro Nacional de Cultura. Em 2008, realizou o Mestrado em Artes Musicais na FCSH e ESML e, em 2017, o Doutoramento em Música na Universidade de Aveiro, no âmbito do qual foi bolseiro da FCT. A sua formação incluiu vários estágios com a Orquestra Barroca da União Europeia para a qual foi selecionado como oboísta principal. Colabora como oboísta e flautista com inúmeros grupos de interpretação historicamente informada por toda a Europa, onde tem oportunidade de trabalhar com maestros tais como Thomas Hengelbrock, Enrico Onofri, Shunske Sato, Eduardo Lopez Banzo, Aaron Zapico, Christophe Rousset, Andrés Gabetta, Laurence Cummings, Riccardo Minasi, Martyna Pastuszka, Fernando Miguel Jalóto, entre outros. É atualmente oboísta principal da Orquestra Barroca

Casa da Música, com quem se apresentou também como solista em concertos de Bach, Marcello e Vivaldi. É o coordenador artístico do agrupamento Concerto Campestre com quem realizou e dirigiu concertos em Portugal e Espanha, incluindo a estreia moderna da serenata *L'Angelica* de João de Sousa Carvalho e a primeira gravação moderna editada pela Naxos em 2016. Dirigiu também a Orquestra Vigo 430 e mais recentemente a Orquestra Barroca d'Aquém Mar num programa que estreou a obra *Pássaros de Lagoa* de Teresa Gentil. Colabora com Mário Estanislau na construção de oboés históricos, que produziu o instrumento com que se apresenta hoje: uma réplica de um Eichentopf de 1720, cujo original se encontra no Museu Nacional da Música em Lisboa. Ensina atualmente flauta de bisel, oboés históricos e música de câmara na ESML/IPL na qualidade de professor adjunto convidado. É director artístico do Festival de Música Antiga da Serra da Estrela.



ANTÓNIO LOURENÇO MENEZES

Um dos contratenores mais ativos na cena musical portuguesa, desenvolvendo a sua atividade sobretudo como cantor lírico, com presença regular em concertos, produções operáticas e projetos interdisciplinares. Colabora com formações como a Orquestra Barroca d'Aquém Mar, o Ensemble Bonne Corde e o Ludovice Ensemble, apresentando-se em festivais nacionais como a Temporada de Música de São Roque, Cistermúsica, FIOMS, BOCA Bienal, FIO – Festival

Informal de Ópera e Noites de Verão, em Ponta Delgada, entre outros. No repertório operático, interpretou papéis como Giulio Cesare, Hansel, Spirit (*Dido and Aeneas*) e Miss Falcão (*Boys of Paradise*, estreia nacional), tendo igualmente protagonizado estreias absolutas no domínio da ópera contemporânea, incluindo *O Príncipezinho*, *Pigmalião* e *M.O.G.A.*. Com especial afinidade pelo repertório barroco e pela criação vocal contemporânea, destaca-se pela energia interpretativa, rigor estilístico e versatilidade expressiva, afirmando-se em projetos dedicados tanto à música antiga como à nova criação. Entre os próximos projetos destacam-se: a estreia do espetáculo *Potnia Theron*, pelo Teatro da Terra (fevereiro, Seixal); a *Missa em Si menor*, de J. S. Bach, com a Orquestra Barroca d'Aquém Mar (março, Lagos/Lagoa); *Musicalische Exequien*, de Heinrich Schütz, com o Ludovice Ensemble (março, Guimarães); e a reposição da ópera *Pigmalião* (abril, Aveiro).



PATRÍCIA MODESTO

Soprano, é mestre em Ensino da Música – vertente de Canto, pela Escola Superior de Música de Lisboa, com classificação máxima na apresentação da tese. Foi distinguida com o 1.º Prémio no Concurso de Canto dos Conservatórios Oficiais de Música (2016) e com o 2.º Prémio no Concurso de Canto José Augusto Alegria (2024). Ao longo do seu percurso, colaborou com diversos maestros e ensembles nacionais e internacionais, entre os quais Sigiswald Kuijken, João

Paulo Santos, José Eduardo Gomes, Pedro Carneiro, entre outros. Atualmente, leciona Voz, Elocução e Canto na Universidade Lusófona e desenvolve uma intensa atividade artística em Portugal e no estrangeiro. Para além da sua atividade no repertório erudito, tem também participado em peças de teatro e em concertos de diversos géneros musicais, demonstrando a sua versatilidade artística.



ORQUESTRA BARROCA D'AQUÉM MAR

Fundada em 2021 pela cravista Elsa Santos Mathei, a Orquestra Barroca D'Aquém Mar prioriza a interpretação de obras monumentais, sendo que a sua formação é variável de acordo com o repertório decidido a cada programa executado. É promovida pela Associação Cultural – QUESTÃO REPETIDA. Rapidamente se destacou no panorama musical nacional, com uma programação anual intensiva de concertos, projetos de criação artística e encomendas a compositores portugueses contemporâneos, destacando-se Teresa Gentil, João Pacheco, entre outros. A direção musical dos diversos projetos, desde 2023, tem sido assumida pelo consagrado violinista barroco Sigiswald Kuijken. Dedica-se maioritariamente à interpretação historicamente informada com especial foco na música dos séculos XVII e XVIII, reunindo músicos especializados. Contempla, igualmente, a inovação e exploração de novas linguagens contemporâneas, comissionando obras que proporcionam formação e valorização de novos públicos, assim como, reflexões sobre a atualidade e sobre a comunidade. Esta abordagem resulta em performances autênticas, apaixonadas e envolventes, que transportam o público para a essência da música barroca e para discursos musicais arrojados dos dias de hoje. A QUESTÃO REPETIDA é uma estrutura profissional sediada no Algarve e financiada pela Direção-Geral das Artes, Município de Lagos e Município de Lagoa.



LANDER PATRICK

Sofre de asma crónica desde que se mudou do Brasil para Portugal, em 1989, ano em que nasceu. Praticou voleibol como forma de combater a doença, mas acabou por se formar em dança. Trabalhou internacionalmente com artistas que admira, como Luís Guerra, Tomaz Simatovic, Marlene Monteiro Freitas, Alejandro Ahmed, Margarida Bettencourt e Jonas Lopes, entre outros. Após vencer dois prémios de coreografia (1.º Prémio no Koreografskih Minijatura Festival (Sérvia), com *Noodles Never Break When Boiled*, e 2.º Prémio no No Ballet International Choreography Competition (Alemanha), com *Cascas d'Ovo*), encontrou a motivação necessária para se dedicar à criação coreográfica, afastando-se do trabalho em call center. *Cascas d'Ovo* foi selecionado para o Aerowaves Priority Company, em 2014. O seu trabalho tem sido apresentado em Portugal, Itália, Suécia, Estados Unidos da América, Alemanha, Brasil, França, Inglaterra, Espanha, Sérvia, Polónia, Suíça, entre outros países.

OFICINA DE ADUFE

TRATAR O ADUFE POR TU

Conceção Rui Silva



© Austeja Liu

O adufe, instrumento tradicional de percussão de forma quadrangular, é o centro desta oficina. O ponto de partida é a tradição oral do toque e das cantigas de adufe da região de Idanha-a-Nova, terra de Ti Chitas. Esta oficina tem como objetivo dar as ferramentas básicas necessárias a cada participante para poder tratar o adufe por «tu», abordando os princípios básicos da sua execução, desconstruindo-os em exercícios criativos, simples, progressivos e em grupo, que visam o desenvolvimento da independência e coordenação psicomotoras e conhecer as dinâmicas tradicionais das adufeiras.

26 A 28 FEVEREIRO

Espaço Fábrica das Artes

Qui e Sex, 14h00 – Escolas

Sáb, 15h30 – Famílias

Público-alvo: +8

Lotação Máxima: 25 Pessoas

Duração: 2h

EM BREVE

Programa Missão: Democracia

Uma missão é uma tarefa especial que se confia a pessoas também elas especiais.

Para fortalecer ainda mais a democracia e a liberdade, o Centro Cultural de Belém – FÁBRICA DAS ARTES transforma os 12 livros e temas da coleção *Missão: Democracia*, das Edições Assembleia da República, numa programação em artes performativas com novos desafios de participação lançados a cidadãos e cidadãs por vários artistas.

Em parceria com a Assembleia da República.



Fábrica
das Artes



**PREPARAÇÃO
D'O CORO**
BEATRIZ PESSOA
(12 MAR)
GUI CALEGARI
(25 E 26 ABR)



**O CORO
MISSÃO:
DEMOCRACIA**
BEATRIZ PESSOA
23 - 26 ABR

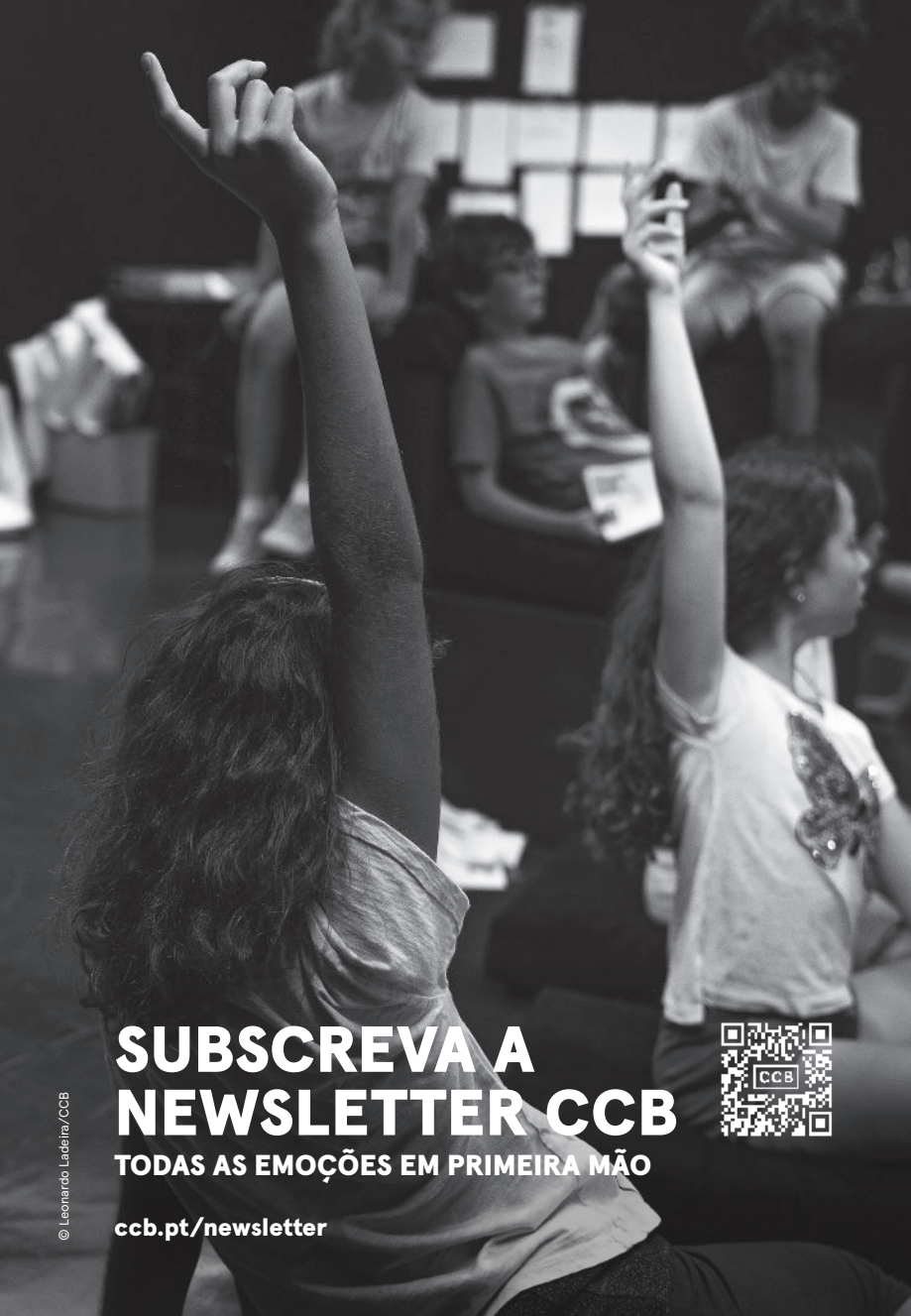


**CIDADE
CULTURAL
PARTICIPATIVA**
25 ABR



Projeto criado no âmbito da parceria entre o Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes e a Assembleia da República.

+ Info ccb.pt



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

TODAS AS EMOÇÕES EM PRIMEIRA MÃO

ccb.pt/newsletter



Uma Cidade. Um Museu. Tantos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA



PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMÉDIA



APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA



PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE

